

SABRINA POLITI GRIFFEL

**O SUJEITO EROTOMANÍACO E A VISÃO DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE O AMOR**

SÃO PAULO
2012

SABRINA POLITI GRIFFEL

**O SUJEITO EROTOMANÍACO E A VISÃO DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE O AMOR**

Trabalho de Graduação apresentado à
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
como requisito para obtenção do título de
Psicóloga.

Área de concentração: Psicologia Analítica.

Orientadora: Prof. Noely Montes Moraes

SÃO PAULO
2012

Griffel, Sabrina Politi

O Sujeito Erotomaníaco e a visão da Psicologia Analítica sobre o Amor/ Sabrina Politi Griffel.—São Paulo, SP : PUC-FCHS, 2012.

p.40

Trabalho de Graduação — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, São Paulo, SP, 2012. Orientadora: Noely Montes Moraes.

1. Sujeito Erotomaníaco 2. Psicologia analítica 3. Amor 4. Projeções 5. Processo de individuação. Universidade Católica de São Paulo. Pontifícia. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde.

SABRINA POLITI GRIFFEL

**O SUJEITO EROTOMANÍACO E A VISÃO DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE O AMOR**

Trabalho de Graduação apresentado à
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
como requisito para obtenção do título de
Psicóloga.

Área de concentração: Psicologia Analítica.

Examinadores:

Prof. Noely Montes Moraes
Orientadora
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Prof. Flavia Hime
Parecerista
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

São Paulo, 4 de junho de 2012

Para Aline,
A sua intensidade em ser deu vida ao meu
trabalho.
Obrigada.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me ensinou que a essência do amor não está no receber, está no sentir e compartilhar.

Às minhas queridas amigas. Se não fossem as longas conversas sobre relacionamentos, as lágrimas, deliciosas risadas e os preciosos conselhos, este tema não me seria tão atraente e significativo.

À minha orientadora, obrigada pela motivação e por acreditar na concretização deste trabalho. Por fim, a aquele que me fez ver que por mais complexo e ambíguo que o amor possa ser, a entrega vale a pena.

Toda elaboração científica, com efeito, é uma releitura subjetiva da realidade, e penso não ser possível falar de modo profundo e pessoal do amor sem tê-lo vivido intensamente.

Aldo Carotenuto

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso em questão visou aproximar-se do sujeito Erotomaniaco a partir da Psicologia Analítica, relacionando a entidade nosográfica à visão que esta linha teórica tem do amor. Para tanto, foi feita uma revisão bibliográfica do termo Erotomania bem como da teoria Junguiana e da visão da psicologia analítica sobre o amor. O filme “Bem me quer, mal me quer” foi utilizado para ilustrar um quadro Erotomaniaco. Articulando o exemplo apresentado pelo filme com conceitos da psicologia analítica, chegou-se ao questionamento de que o sujeito Erotomaniaco encontra dificuldades para atingir a individuação, entre outros motivos, por não recolher as projeções nas quais apóia o seu delírio.

Palavra- chave: Sujeito Erotomaniaco, Psicologia Analítica, Amor, Projeções e Processo de Individuação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA.....	11
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
3.1 História da Erotomania	12
3.1.1 DEFINIÇÕES.....	13
3.1.2 SINTOMAS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS	14
3.1.3 DIFERENCIAÇÃO DE OUTRAS PATOLOGIAS	14
3.1.4 CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS.....	15
3.2 Conceitos teóricos da Psicologia Analítica.....	17
3.2.1 CONSCIÊNCIA E EGO.....	17
3.2.2 OS COMPLEXOS.....	18
3.2.3 TEORIA DA LIBIDO	18
3.2.4 SÍMBOLOS.....	19
3.2.5 INCONSCIENTE COLETIVO E ARQUÉTIPOS.....	19
3.2.6 PERSONA E SOMBRA.....	20
3.2.7 ANIMA E ANIMUS	21
3.2.8 O SI-MESMO	22
3.2.9 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	23
3.3. O olhar da Psicologia Analítica sobre o Amor	24
3.3.1 ANGÚSTIA	25
3.3.2 O FIM DA RELAÇÃO.....	26
3.3.3 A ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO.....	26
3.3.4 AMOR COMO ESTADO DE ALTERAÇÃO DA REALIDADE	27
3.3.5 AMOR COMO OBRA DIVINA.....	28
3.3.6 AMOR E EROS	29
3.3.7 A IMAGEM DO OUTRO	30
3.3.8 SEDUÇÃO E RELAÇÃO	31
3.3.9 AMOR E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	32
4. DISCUSSÃO	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

Desenvolvi grande interesse pelo assunto Erotomania após assistir o filme *Bem me quer, mal me quer* (COLOMBANI, LAETITIA. *À la Folie... Pas du Tout*. [Filme-vídeo]. Direção de Laetitia Colombani. França,2002. 1 cassete VHS ; 92 min. color.son).

A obra retrata o quadro patológico através da história de uma jovem, chamada Angélique. De início, ela parece estar vivendo uma grande história de amor com um famoso cardiologista, Loïc Garrec. Com o desenrolar do filme, nota-se que este relacionamento de fato não existe, e faz parte de um delírio amoroso que atravessa o cotidiano desta Erotomaniaca. A partir do momento que a convicção, de ser amada por Loïc, se instala em Angélique, vê-se que ela é capaz de tudo, até mesmo de matar, para conseguir se aproximar de seu objeto de amor.

Esta patologia despertou grande interesse em mim, pois acredito que a experiência amorosa leva o ser humano a exaltação que, como já muito difundido na literatura, remete à loucura. Acredito que vivenciar este estado coloca o ser humano na linha tênue entre a sanidade e a insanidade.

Ao realizar uma pesquisa sobre a Erotomania, encontrei pouco material que levasse a um aprofundamento e compreensão do quadro. Optei então por utilizar este tema no trabalho de conclusão de curso, justamente pela ausência de pesquisas que possibilitassem uma melhor compreensão do fenômeno.

A idéia de relacionar a psicologia analítica com o Erotomaniaco veio através da minha curiosidade pelo processo de individuação: Como um indivíduo que parece ser cindido, já que não recolhe suas projeções e conflitos e os deposita sempre no mundo externo, integra sua personalidade?

Com base nessa questão, aproximei o olhar da psicologia analítica sobre o amor do sujeito Erotomaniaco, a fim de verificar se esta patologia dificulta o processo deste indivíduo de tornar-se si mesmo. Este é o objetivo do presente trabalho.

2. METODOLOGIA

A fim de atingir os objetivos propostos, optei por um trabalho teórico que me permitisse um contato com bibliografias sobre o tema. A intenção foi conhecer como o quadro é descrito e distingui-lo de outras patologias (capítulo 3.1).

A seguir, foi estudado o referencial da psicologia analítica através de conceitos relacionados à experiência amorosa para possibilitar um entendimento do fenômeno Erotomaníaco (capítulo 3.2 e 3.3). Para ilustrar o fenômeno dando contornos mais reais foi utilizado o filme “*Bem me quer, mal me quer*”.

Na discussão, através da articulação entre o exemplo patológico que o filme propõe e a teoria, foi feita uma reflexão sobre a possibilidade ou não do sujeito Erotomaníaco realizar o processo de individuação.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 História da Erotomania

Para o objetivo deste trabalho, não visou esgotar as definições do termo Erotomania, mas sim apresentar um panorama histórico do conceito e de como este é definido atualmente.

A “história” oficial da Erotomania tem pouca ligação com as evidências documentadas, e com frequência se confunde a história do termo com a dos conceitos a que se refere. (BERLINCK et all,2009,p.21)

O levantamento bibliográfico sobre a Erotomania foi difícil, visto que poucas obras abordam o tema. Encontrei o livro Erotomania de Manoel Tosta Berlinck e German E. Berrios. Os autores fizeram uma coletânea de textos referentes ao assunto, o qual me serviu de base para a minha pesquisa sobre a história conceitual da Erotomania.

Alguns dos autores citados por Berlinck são:

1. Jean- Etienne Esquirol- 1815
2. Henri Legrand Du Salle -1884
3. L. Moreau-1887
4. Benjamim Ball – 1888
5. Alexandre Cullere -1888
6. Paul Sollier – 1893
7. Richard Von Krafft-Ebing – 1897
8. Paul Sérieux -1909
9. Gaetan Gatian de Clérambault - 1921

Desde o século XIX pouco se falou sobre a síndrome Erotomania. A terminologia apareceu na medicina Francesa em 1741 e em seguida, em 1762, o Dictionnaire de l’Academie francaise a definiu como: “termo da medicina;delírio amoroso.” Já na língua inglesa o termo apareceu em 1854.

O conceito de Erotomania possui quatro definições históricas: a de amor não correspondido que leva a doença geral; a prática de amor físico excessivo; amor não correspondido como uma forma de doença mental; e a crença de ser amado por alguém, sendo esta última definição a que prevalece atualmente. Estas definições se sobrepuseram durante a história da Erotomania.

A seguir serão apresentadas as características extraídas da obra de Berlinck e Berrios (2009) para uma melhor compreensão do quadro.

3.1.1 DEFINIÇÕES

- Erotomania consiste em um amor excessivo que pode se direcionar tanto para um objeto real quanto para um objeto imaginário.
- Termo que vêm da denominação geral de erotismo. O culto do Erotomano dirige-se, algumas vezes, a uma pessoa de posição elevada.
- Erotomania como uma das formas de loucura erótica e também como uma loucura de amor casto. A loucura de amor casto inspira sentimentos puros, pensamentos elevados e um culto exaltado. Do ponto de vista genital encontra seu alívio em abusos solitários. Pode-se dizer que a palavra Erotomania é sinônima de masturbação.
- Erotomaníacos: sujeitos que têm como característica o amor platônico que leva ao delírio.
- Erotomania é uma idéia erótica.
- A Erotomania é uma paranóia erótica. Ilusão de ser percebido e amado por uma pessoa do outro sexo que normalmente pertence a uma classe superior.

- Delírio erótico que pode estar associado à idéias amorosas.

3.1.2 SINTOMAS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS

- Febre erótica que pode levar a morte, degeneração que leva à demência e tentativas de suicídio.
- Estado de langor e melancolia que muitas vezes é seguido de morte.
- O indivíduo que sofre de Erotomania vive em contemplação, esquecendo assim de suas ocupações e deveres para com sua família e a sociedade.
- Atitudes estranhas em sociedade, principalmente quando o sujeito que sofre de loucura de amor casto se vê diante de alguém do sexo oposto.
- Alucinações geralmente auditivas.

3.1.3 DIFERENCIAÇÃO DE OUTRAS PATOLOGIAS

- Não se assemelha a ninfomania e satiríase já que nestas o mal era originado nos órgãos reprodutores, sendo assim um transtorno físico. Enquanto que na Erotomania o amor está na cabeça do indivíduo e é controlado pela sua imaginação.
- Distinção entre Erotomania pura e Erotomania associada: Os casos puros são aqueles em que não há alucinações e que permanecem fixos quanto ao tema inicial do delírio. Os sujeitos que sofrem deste tipo de Erotomania não atingem a demência. Já nos casos associados, existem alucinações, uma perseguição geral e uma megalomania global. Há variação na troca do objeto escolhido. Este quadro pode levar ao enfraquecimento intelectual.

3.1.4 CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS

- Imaginação se encontra lesada, o que pode resultar em um erro de entendimento. Afecção mental, na qual, idéias amorosas são fixas e dominantes, sendo assim, é uma monomania, tipo de paranóia na qual os pacientes têm uma única idéia ou um único tipo de idéias fixas.
- O amor platônico do Erotomano é mais freqüente na mulher do que no homem, principalmente nas jovens de treze a vinte anos.
- Exclui qualquer sentimento carnal em relação ao objeto amado. Os sujeitos atingidos pela síndrome têm como característica a pureza e a castidade.
- A loucura de amor casto atinge os sujeitos fracos de espírito com temperamento bastante reservado.
- A Erotomania não tem cura.
- O Erotomaniaco muitas vezes possui antecedentes familiares com diversas outras síndromes como, por exemplo, melancólicos e psicopatas.
- Os Erotomanos podem tornar-se perseguidores do objeto amado. Algumas vezes cometem crimes a fim de se aproximar do objeto ou até mesmo o matam para que este não pertença a mais ninguém.
- Quando a justiça se depara com um caso de Erotomania, normalmente encontra dificuldade de analisá-lo, já que o indivíduo se encontra no limite entre a razão e a loucura.

- Acomete indivíduos geralmente excêntricos, que são apáticos, sentimentais e sem instinto genital. O desenvolvimento psíquico destes pode ter sofrido influências de taras hereditárias ou de uma doença do cérebro durante a infância.
- O sujeito pode escolher como objeto de amor uma pessoa que nunca viu.
- O delírio Erotomaniaco se divide em três estágios: o estágio da esperança, o estágio do desprezo e o estágio do rancor.

Atualmente, é possível encontrar na quarta publicação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM.IV) o tipo Erotomaniaco como sendo um subtipo de Transtorno delirante.

F22.0 - 297.1 - Transtorno Delirante - DSM.IV

Subtipos

O tipo de Transtorno Delirante pode ser especificado com base no tema delirante predominante:

Tipo Erotomaniaco. Este subtipo aplica-se quando o tema central do delírio diz respeito a ser amado por outra pessoa. O delírio freqüentemente envolve um amor romântico e união espiritual idealizada, ao invés de atração sexual. A pessoa sobre a qual esta convicção é mantida geralmente detém uma posição social superior (por ex., uma pessoa famosa ou um superior no trabalho), mas pode ser um completo estranho. Os esforços para contatar o objeto do delírio (por telefonemas, cartas, presentes, visitas ou até mesmo vigilância) são comuns, embora ocasionalmente a pessoa mantenha seu delírio em segredo. A maioria dos indivíduos com este subtipo em amostras clínicas consiste de mulheres; a maior parte dos indivíduos com este subtipo em amostras forenses são homens. Algumas das pessoas com o Tipo Erotomaniaco, particularmente os homens, entram em conflito com a lei em seus esforços no sentido de alcançar o objeto de seu delírio ou em tentativas desencaminhadas de "salvá-lo" de algum perigo imaginário.

Crítérios Diagnósticos para F22.0 - 297.1 Transtorno Delirante

- A. Delírios não-bizarros (isto é, envolvendo situações que ocorrem na vida real, tais como ser seguido, envenenado, infectado, amado a distância, traído por cônjuge ou parceiro romântico ou ter uma doença) com duração mínima de 1 mês.
- B. O critério A para Esquizofrenia jamais foi satisfeito.
- Nota: alucinações táteis e olfativas podem estar presentes no Transtorno Delirante, se relacionadas ao tema dos delírios.
- C. Exceto pelo impacto do(s) delírio(s) ou de suas ramificações, o funcionamento não está acentuadamente prejudicado, e o comportamento não é visivelmente

esquisito ou bizarro.
 D. Se episódios de humor ocorreram durante os delírios, sua duração total foi breve relativamente à duração dos períodos delirantes.
 E. A perturbação não se deve aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (por ex., uma droga de abuso, um medicamento) ou de uma condição médica geral. Especificar tipo (os tipos seguintes são atribuídos com base no tema predominante do(s) delírio(s):
 Tipo Erotomaniaco: delírios de que outra pessoa, geralmente de situação mais elevada, está apaixonada pelo indivíduo.

3.2 Conceitos teóricos da Psicologia Analítica

Este capítulo tem a finalidade de fazer um apanhado sobre conceitos fundamentais da teoria de Jung, de forma a sedimentar a leitura dos próximos capítulos.

O autor em questão tinha a ambição de participar da criação de uma psicologia que abrangesse a psique em todas as suas dimensões, mapeando assim a alma do ser humano.

3.2.1 CONSCIÊNCIA E EGO

A consciência é a percepção de nossos sentimentos. O conhecimento que temos de nós mesmos é condicionado pela disposição e limitação desta. No centro da consciência existe um ego, mas é necessário ressaltar que a consciência é uma categoria mais ampla e não contém somente o ego.

O ego é um complexo inato com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. Este determina que conteúdos permanecem no domínio da consciência e quais vão para o inconsciente.

Este complexo continua se desenvolvendo ao longo da vida através de colisões com o mundo exterior e com o mundo interior. Conflitos, dificuldades, sofrimento... São estes fatores que o levam a crescer.

Pode ser forte ou fraco:

Um ego forte é aquele que pode obter e movimentar de forma deliberada grandes somas de conteúdo consciente. Um ego fraco não pode fazer grande coisa desse gênero de trabalho e sucumbe mais facilmente a impulsos e reações emocionais. Um ego fraco é facilmente distraído e, por consequência, carece de foco e motivação consistente. (STEIN, 2000, p. 27).

3.2.2 OS COMPLEXOS

A consciência do ego está sujeita a perturbações emocionais que derivam de colisões externas (indivíduo com o mundo) ou internas. As perturbações internas não estão vinculadas a causas do ambiente e são desproporcionais se comparadas com os estímulos observáveis. Estas colisões internas são resultados do encontro do ego com os complexos.

Os complexos “povoam” o inconsciente pessoal. Estas estruturas contem um traço psíquico do trauma que o sujeito vivenciou e um componente arquetípico. Quanto maior for a energia direcionada para o complexo mais associações com o trauma este complexo fará. Sendo assim a emoção é o elemento aglutinante do complexo, esta que une os elementos e os “adere” ao complexo.

Jung usa o termo constelação para se referir à criação de um momento em que a consciência fica perturbada pelo complexo. É quando um evento exterior desencadeia um processo psíquico que atualiza o complexo e faz o indivíduo adotar uma atitude já conhecida por ele na qual reagira de forma definida. A pessoa se sente então ameaçada e sem controle sobre suas emoções e comportamentos.

Podemos dizer que os complexos possuem certa consciência e intenção própria. São subpersonalidades. O ego exprime bem esta noção já que também é um complexo, o complexo da consciência.

3.2.3 TEORIA DA LIBIDO

Para Jung, libido é a força que movimenta as estruturas da psique. Esta força vital também é chamada por ele de energia psíquica. A energia psíquica não é constituída de instinto sexual; a sexualidade é apenas um dos ramos desta.

Quando se fala de libido é necessário mencionar os termos regressão e progressão. A progressão da libido é um fluxo positivo de energia psíquica que o ser humano utiliza a fim de se adaptar a sua vida e ao mundo. Já a regressão da libido é consequência de quando a direção positiva da energia é sustada por algum evento interno ou externo. O fluxo de energia então é invertido e desaparece no inconsciente ativando complexos.

3.2.4 SÍMBOLOS

O símbolo psíquico atrai uma grande soma de energia. Estes emergem da base arquetípica da personalidade humana e surgem de forma espontânea, ainda mais quando a psique necessita deles. São então organizadores da libido.

Os símbolos são diferentes de signos. Os signos podem ser lidos e interpretados, já os símbolos não, pois perdem seu significado.

... Um símbolo é, no entender de Jung, o melhor enunciado ou expressão possível para algo que é ou essencialmente incognoscível ou ainda não cognoscível, dado o presente estado de consciência. As interpretações de símbolos são tentativas para traduzir o significado do símbolo para um vocabulário e um conjunto de termos mais compreensíveis, mas o símbolo permanece como a melhor expressão presente do significado que ele comunica. (STEIN, 2000, p.80)

3.2.5 INCONSCIENTE COLETIVO E ARQUÉTIPOS

Para Jung, o inconsciente não se restringe somente às experiências subjetivas reprimidas. Existe uma camada, a mais profunda da psique, que é inconsciente e não é formada por conteúdos que já foram conscientes. O “material” que se encontra nesta camada, nasceu com o ser humano e não pode ser explicado por vivências individuais. São potencialidades que podem ou não ser desenvolvidas. Estamos falando do que Jung denominou Inconsciente Coletivo e Arquétipos.

O inconsciente coletivo é universal. Todo o ser humano possui as mesmas potencialidades, podemos dizer então que neste nível mais profundo somos todos iguais. No entanto, nem todos desenvolvem em si as mesmas possibilidades e é isto que nos torna diferentes e únicos.

O arquétipo é a nossa fonte primária de energia e é deste que os símbolos psíquicos se originam. Através dos símbolos que a cultura se desenvolve, pode-se dizer que em última instância os arquétipos que estruturam a civilização humana.

3.2.6 PERSONA E SOMBRA

Num certo sentido, somos feitos de muitas atitudes e orientações potencialmente divergentes, e estas podem facilmente cair em oposição recíproca e criar conflitos que culminam em estilos neuróticos de personalidade. (STEIN, 2000, p.97)

O trecho acima se refere à subpersonalidades divergentes da psique. Podemos inserir o par sombra e *persona* nessa categoria.

Estas são estruturas complementares.

Sombra (Inconsciente pessoal)

A sombra é constituída de partes da personalidade descartadas pelo ego. Estas partes pertenceriam ao ego se não fossem contraditórias com a imagem que este quer refletir ao mundo. Geralmente são qualidades imorais se comparadas com o que o mundo que circunda o sujeito propõe.

No entanto, o ego não consegue controlar a sombra, já que, de fato, pode não saber que esta existe. A sombra é então o lado inconsciente do ego e dependendo da atitude deste e de seu grau de defensividade os conteúdos que a compõe podem ser alterados.

O ego então: "... emprega a sombra para executar operações desagradáveis que ele não poderia realizar sem cair num conflito moral." (STEIN, 2000, p.98)

Por ser inconsciente, a sombra é projetada em outras pessoas. Seu confronto com o ego então não é direto.

Os elementos sombrios da sombra podem se revelar acidentalmente durante o convívio social ou em sonhos. No entanto, é necessário enfatizar que a sombra não é necessariamente perversa e não contém só qualidades negativas, esta só é contraditória à *persona*.

Persona

O que a consciência do ego rejeita torna-se sombra; o que ela positivamente aceita aquilo com que se identifica e absorve em si, torna-se parte integrante de si mesma e da *persona*. (STEIN, 2000, p.100)

A *persona* é um acordo estabelecido entre o indivíduo e a sociedade. É o resultado dos processos de adaptação ao meio físico e social. Esta subpersonalidade se encontra muito mais em evidência do que a sombra já que tem um papel cotidiano de acomodação ao mundo. Ela protege o sujeito e o faz se relacionar com os objetos exteriores.

Podemos dizer que a *persona* é um complexo funcional que tem como objetivo tanto esconder conteúdos inconscientes como revelar conteúdos conscientes para os outros. Possui autonomia e não é totalmente dominada pelo ego. A *persona* não representa a pessoa em sua totalidade e sim a forma como ela se apresenta à sociedade.

3.2.7 ANIMA E ANIMUS

Para Jung, *Anima* e *Animus* são personalidades subjetivas que representam um nível do inconsciente mais profundo do que a sombra. São figuras arquetípicas da psique. Nos homens está presente o arquétipo *anima* que é a figura feminina e nas mulheres o *animus*, a figura masculina. Estas figuras nos conduzem para o inconsciente coletivo, revelando a nossa alma.

Podemos dizer que *anima* e *animus* se assemelham a sombra na medida em que se contrapõem a *persona*, no entanto, se diferenciam desta por estarem mais distantes do ego. *Anima* e *animus* vinculam o ego à camada mais profunda psíquica, a experiência do si-mesmo.

Assim como a *persona* que fica entre a consciência do ego e o mundo exterior. ; a função da *anima* e do *animus* é a de adaptação ao mundo interior, a de se posicionar entre a consciência individual e o inconsciente coletivo. O *animus* e a *anima* devem ser como uma ponte que leva as imagens arquetípicas para a consciência.

É possível afirmar também que *anima* e *animus* representam a atitude que tomamos para com nosso mundo interior, é a forma que nos relacionamos com ideais, humores, emoções e etc. sendo assim, a atividade interior mostra as qualidades que deixamos fora da *persona*.

Enquanto que a imagem da sombra pode gerar medo em nós, a imagem da *anima* e do *animus* suscita atração. Pois na relação com o sexo oposto é que podemos privilegiadamente entrar em contato com estes arquétipos.

É necessário ressaltar que o conhecimento da *anima* e do *animus* só pode se dar se inicialmente já houve tomada de consciência do inconsciente pessoal, ou seja, a integração da sombra.

3.2.8 O SI-MESMO

Um conceito de difícil apreensão , no entanto, crucial para a psicologia analítica é o do arquétipo *Self*, também conhecido como Si - mesmo.

De acordo com Jung, o si mesmo é transcendente, pois não se insere na psique, está situado além desta e a contém.

O *self* não significa subjetividade no indivíduo.

Para Jung, o si - mesmo não se refere, paradoxalmente, a si mesmo. É mais do que a subjetividade da pessoa, e sua essência situa-se além do domínio subjetivo. O si - mesmo forma a base para o que no sujeito existe de comum com o mundo, com as

estruturas do ser. No si - mesmo, o sujeito e objeto, o ego e o outro, juntam-se num campo comum de estrutura e energia. (STEIN, 2000, p.138)

Podemos definir então o si - mesmo como o arquétipo mais impessoal da psique e é dele que se originam todos os outros arquétipos.

O si - mesmo é o centro magnético do universo psicológico de Jung. Sua presença atrai a agulha da bússola do ego para o norte verdadeiro. (STEIN, 2000, P.142)

Sendo assim, o *self* é fundamental para a integração da personalidade humana. E a sua forma de atuação na psique é a de produção de símbolos de integridades- como as mandalas- em momentos que o sistema psíquico corre riscos de se fragmentar. O aparecimento destes símbolos, então, mostra a necessidade de unificação.

3.2.9 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Jung denomina a individuação como a experiência total de integridade que se desenrola durante a vida. Ele acredita que a plena manifestação da personalidade acontece pouco a pouco com a emergência do *self* na psique e na consciência.

O processo de individuação pode ser dividido em duas partes: a primeira e a segunda metade da vida. Na primeira metade, o principal objetivo é o desenvolvimento do ego e da persona a fim da adaptação do sujeito no mundo que o circunda. Pode-se dizer então que o ego se distancia do inconsciente de tal forma que causa unilateralidade na psique.

O inconsciente começa a compensar esta unilateralidade de forma a restituir o equilíbrio psíquico. O objetivo da segunda metade da vida, portanto, é o de unificação do ego com o inconsciente, fazendo com que o sujeito entre em contato com o seu potencial não realizado. Este desenvolvimento psicológico, o qual chamamos individuação, pode resultar no conhecimento mais profundo e consciente de nós mesmos, de forma a nos tornarmos uma personalidade unificada e única.

É possível perceber que a compensação é o mecanismo psicológico que faz a individuação do sujeito ocorrer. A sua função é a de estabelecer o equilíbrio psíquico. Uma forma clássica de compensação se dá através dos sonhos, que podem indicar um auto-retrato psíquico do inconsciente para a consciência.

No entanto, é necessário enfatizar que a força que gere a individuação é o *self*, já que o desenvolvimento da psique tem como meta a realização deste arquétipo na consciência.

O todo ou a integridade é o termo-mestre que descreve o objetivo do processo de individuação, e é a expressão, no âmbito da vida psicológica, do arquétipo do si-mesmo. (STEIN,2000,p.167)

3.3. O olhar da Psicologia Analítica sobre o Amor

Para dar início a este capítulo visou enfatizar que a experiência amorosa é uma das experiências humanas mais significativas. No entanto, pode-se dizer que mesmo assim existe uma quantidade escassa de trabalhos científicos realizados sobre esta.

A seguir apresento algumas idéias e conceitos da psicologia analítica sobre o tema:

... os maiores sofrimentos e as maiores dores que conseguimos experimentar e provocar nos outros ocorrem preponderantemente no amor e não existem outras experiências que possam se igualar à do tormento que causamos ou que recebemos nessa dimensão. (CAROTENUTO,1994,p.45)

E por que será que vivenciar o amor traz tanto sofrimento à alma? Pode-se dizer que este sofrimento é consequência de um confronto que o ser humano tem consigo mesmo quando ama, pois quando amamos passamos a ter consciência de aspectos nossos que antes não tínhamos. É somente no encontro com o outro que os nossos fantasmas mais profundos passam a emergir. Quando estamos sós não somos violentados por nosso lado obscuro, no entanto, ao nos relacionarmos somos obrigados a entrar em contato com nossos aspectos vitais. Como afirmava Jung não existe conscientização sem dores.

O sofrimento também deriva da grande ambivalência que representa uma situação de enamoramento.

A prática clínica ensina que onde está presente um sentimento, toma vida e consistência também o seu contrário. Os opostos que, com a sua interação, dilaceram o indivíduo, constituem o dinamismo secreto da vida. O amor reclama, pois, e até exige, a co-presença do ódio. (CAROTENUTO,1994,p.21).

A vivência amorosa não consiste somente de sentimentos positivos e sim de uma combinação de diversos sentimentos e emoções que promovem muitas vezes um grande desequilíbrio emocional. Assim como possuímos aspectos da nossa personalidade desconhecido por nós, o outro também possui e estes também emergirão durante o relacionamento.

Para Carotenuto (1994) normalmente nos equivocamos quando pensamos que a dor e o sofrimento não devem fazer parte da relação amorosa. Isto é ilusório, considerando que se nós mesmos somos seres constituídos por discordâncias, como vida e morte, a união entre parceiros também terá estas desarmonias, estas antíteses.

3.3.1 ANGÚSTIA

Não é possível falar de amor sem falar de angústia. De acordo com Carotenuto (1994,p.111) a angústia deriva do medo de perda do objeto de amor. Este medo nos invade e abre espaço para um sentimento do qual é difícil ficar imune quando se ama: o ciúme. A emergência do ciúme acontece não somente em situações amorosas, como nas mais diversas, pois é um conflito já existente em cada um e a nossa psique não faz mais do que constelá-lo.

Sendo assim, a angústia e o ciúme estão entrelaçados, pois revelam nossas experiências primárias.

O ciúme re-cria e torna atual aquilo que é uma necessidade vital da criança: um afeto ilimitado e exclusivo. (CAROTENUTO,1994,P.112).

No entanto, não se pode dizer que o medo da perda não é funcional, pois apesar de este dificultar a nossa visão da realidade como é de fato, também permite um maior conhecimento sobre nós mesmos. Portanto, sentir ciúmes não impede necessariamente o desenvolvimento da maturidade. Pelo contrário, quando constatamos nossas dimensões infantis abrimos caminho para um crescimento mais autêntico.

3.3.2 O FIM DA RELAÇÃO

Deve-se falar sobre o fim de relacionamentos, quando o assunto é amor e sofrimento. O ato de amar já é por si só difícil e doloroso. Exige de nós uma grande carga de energia investida em um outro. E quando perdemos este outro?

Carotenuto (1994) afirma que o fim de uma relação significa acima de tudo uma desestruturação de uma organização da nossa psique que foi vagarosamente construída. Através do encontro com outra psique que difere da nossa, aprendemos a nos estruturar de uma nova maneira a fim de estabelecermos uma sintonia. O relacionamento promove uma transformação em quem somos e esta transformação se dá pela nossa necessidade de união com outro alguém. Quando somos abandonados, a nova organização que conquistamos fica desequilibrada, sendo assim a sensação é de que perdemos nossas referências já que nosso eu por algum tempo passou a se basear também na individualidade do outro.

É importante ressaltar que por mais que uma relação chegue ao fim isto não significa que o outro deixou de viver em mim:

É uma fulgurante metáfora do que no fundo todos nós podemos sentir: o outro, que dividiu conosco a nossa experiência e agora vai embora, não pode deixar-nos verdadeiramente, porque o que construímos faz agora parte das nossas almas, como dois líquidos que se uniram e depois que se separam devem necessariamente cada um trazer em si moléculas do outro. (CAROTENUTO,1994,p.131).

3.3.3 A ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO

Carotenuto (1994) afirma o seguinte "... cheguei à seguinte regra geral: uma relação amorosa se rege por uma necessidade patológica de cada um dos parceiros, e todo amante representa a doença do outro... Poder-se-ia, portanto, dizer que as afinidades eletivas sobre as quais se

baseia a escolha amorosa não são as partes “belas” do indivíduo, mas as piores, as que pertencem à dimensão da Sombra.”. (p.16)

Pode-se dizer que a própria eleição do parceiro amoroso se dá através de uma escolha inconsciente. A atração pelo outro é sustentada por um mistério para nós, já que muitas vezes buscamos o que reprovamos em nós mesmos.

Sendo assim, o amor se rege muito mais por uma necessidade do inconsciente e o outro representa um conflito existente dentro de nós. Pode-se dizer então que normalmente os dois parceiros do relacionamento amoroso simbolizam dois opostos e que a relação entre estes se tornará um instrumento de conhecimento da própria subjetividade de cada um.

3.3.4 AMOR COMO ESTADO DE ALTERAÇÃO DA REALIDADE

O amor é caracterizado por uma alteração da nossa relação com a realidade. Em termos psicológicos, estar “alterado” significa que a forma psíquica de que éramos portadores até um momento esgotou a sua função. (CAROTENUTO, 1994, p.33).

O trecho acima traz a idéia de que quando amamos nossa noção de realidade muda. Isso pode ser possível, pois na medida em que nos confrontamos com a nossa verdade, com os nossos aspectos mais íntimos, mudamos. Percebemos-nos de uma forma diferente e isso traz repercussões em nossa forma de enxergar o mundo.

A dimensão amorosa, com sua carga de rompimento transgressivo, abaixa os níveis de vigilância da nossa consciência- com quem se pode deixar levar completamente se não com o ser amado? – criando assim um espaço, o espaço psicológico do casal, em que tudo é lícito. (CAROTENUTO, 1994, P.18).

Neste espaço, encontra-se uma liberdade em que é possível manifestar não só nossas emoções, mas também nosso lado mais sombrio. A Sombra.

É necessário enfatizar que a relação do casal já apresenta por si aspectos delinqüenciais e que se estes forem reforçados por condições patológicas dos parceiros os conflitos podem emergir de forma excessivamente dramática resultando muitas vezes em atos criminosos.

É singular, mas totalmente inexplicável, que na tradição romântica o amor seja considerado uma doença. Já aludimos a certos “sintomas”, como a visão alterada da realidade, a supervalorização – chegando ao limite do grotesco – da pessoa amada, a necessidade de restringir drasticamente o campo de relações: não é difícil falar de “quadro patológico”. (CAROTENUTO, 1994, p.41).

Além disso, o estado de amar já é por si exaltado. O encontro com o outro, que desperta em nós as nossas feridas, transforma esta experiência em demasiado intensa.

A condição amorosa dispõe o indivíduo a uma nova e mais ampla participação psíquica. Mas, para ser restituído à continuidade da vida, ele se vê sofrendo uma perda imprevista e incontrolada do seu equilíbrio, padecendo com uma ferida que põe em discussão todo o seu aspecto existencial, consolidado apenas aparentemente. (CAROTENUTO, 1994, P.35).

Estar enamorado muito se aproxima de estar hipnotizado, fixamos nossa libido no parceiro e assim nos tornamos obsessivos por este. A presença do outro encanta de tal forma que nos dá a sensação de plenitude, é como se antes desse não tivéssemos vivido de verdade. Passamos a só nos sentir bem ao lado da pessoa amada.

O ser sobre o qual detive meus olhos e meu desejo assume para mim um significado único: é insubstituível porque somente ele pode evocar em mim dimensões interiores profundas e particularíssimas. (CAROTENUTO, 1994, p.29).

A intensidade com que vivemos o relacionamento amoroso transforma o nosso interior e o exterior. Aproximamo-nos de um estado de espírito que permite a experimentação de novas sensações. Desta forma, “O amado se torna uma figura que estimula a busca de uma verdade interior minha.” (CAROTENUTO, 1994, p.30).

3.3.5 AMOR COMO OBRA DIVINA

No decorrer da história humana, muitos autores caracterizam o amor como algo divino. Como o estado máximo de proximidade a Deus, que traz luz à vida.

Carotenuto (1994) se refere ao amor como a uma “centelha do divino”, isto quer dizer que o amor seria uma força constituída com os dois pólos bem e mal. Esta força tem o poder de iluminar a existência do ser humano por um breve momento. Momento este que pode trazer sentido a vida porque faz emergir os conteúdos mais profundos. E justamente pela tamanha

intensidade que este momento tem não se consegue suportar por muito tempo esta oportunidade de conhecer-se melhor e conseqüentemente o mundo como de fato é.

Sendo assim, pode-se dizer que deste ponto de vista, o amor promove significado a existência do ser humano e justamente por engrandecê-lo, não se torna uma vivência permanente, pois não é possível sobreviver a um confronto eterno com nós mesmos. O amor se manifesta em nós, mas temos medo dele. Assim como se inicia, este também termina.

É importante ressaltar que Jung vê semelhanças entre o estado amoroso e a fé religiosa. Ambas as condições têm em comum o se sacrificar por algo/alguém; o comprometimento com a experiência e o abandono de outras possibilidades que a vida pode oferecer.

3.3.6 AMOR E EROS

É importante elucidar que para Jung, Amor e Eros se atravessam e que por mais que os homens acreditam que Eros seja sexo, Eros é relacionamento. (SCHIESS, 2005)

Jung também fala sobre o erotismo como sendo uma interrogação, já que por um lado pertence à natureza animal do homem e por outro revela suas mais elevadas formas de espírito.

Sendo assim, é possível afirmar que Jung não enxerga o erotismo somente como algo de primitivo e animalesco e sim também como uma forma que conduz o espírito humano a outras dimensões. O erotismo pode levar o homem a encontrar estados divinos e até desconhecidos. No entanto é necessário haver um equilíbrio entre o instinto e psique, pois:

Se não temos certo nível psicológico, o instinto sexual se torna cruel na sua repetição, na tentativa desesperada de captar o outro. (CAROTENUTO, 1994, p.110).

3.3.7 A IMAGEM DO OUTRO

Na dimensão amorosa, somos arrebatados não pelo ser que está diante de nós, mas pela idéia que eu soube suscitar... (CAROTENUTO, 1994, p.38)

A imagem do outro é uma questão importante quando se fala de amor. Quando escolhemos um parceiro amoroso geralmente optamos por aquele que nos desperta um interesse inconsciente e então nos fixamos na imagem desta pessoa, no que esta invoca em nós mesmos.

Carotenuto (1994, p.38) diz que a nossa experiência é a de se encontrar no meio de diversas pessoas e se fixar em uma única imagem. Esta fixação indicará um aspecto interno desconhecido do enamorado, do qual este não era consciente, propiciando assim contato com novos conteúdos.

O encontro com a imagem tem um caráter misterioso, pois não sabemos o porquê desta escolha e forte atração pela pessoa. Muitas vezes, uma pessoa entretém a outra somente pela sua imagem. Não é necessário um contato visual ou verbal para se sentir relacionado com alguém. O envolvimento amoroso pode se dar somente pelo que a imagem do outro desperta em nós. Não é necessário nem existir de fato um relacionamento, nem um conhecimento aprofundado e prévio do outro para se encontrar enamorado por este.

Sendo assim, é necessário enfatizar que a imagem do outro tem um valor único para nós e no momento em que foi escolhida não pode ser substituída por nenhuma outra, pois somente esta conseguiu ativar no enamorado a possibilidade de iluminar a sua existência.

O encontro com o outro também traz à tona a evocação de imagens antes desconhecidas. Desta forma, necessitamos de nossa criatividade a fim de lidar com o novo dentro de nós.

Tem-se origem então um movimento psíquico que busca criar novas conexões com o mundo e nos insere em outras possibilidades do viver.

De acordo com Carotenuto (1994), quanto mais íntima se torna uma relação, mais se tem conhecimento de que a imagem que seduziu o enamorado na realidade pertence a ele mesmo. Seria um erro considerar que o outro nos seduziu, o enamorado é seduzido pelas próprias imagens que o outro é capaz apenas de evocar.

3.3.8 SEDUÇÃO E RELAÇÃO

A fim de elucidar o termo relação é necessário fazer uma distinção entre este e a sedução.

Pode se dizer que a sedução é uma ilusão. Nesta, não somos sujeito do nosso amor e sim objeto. O outro que toma papel de sujeito.

Na sedução parece que o espírito é cativado justamente pela ausência de significado. Nesse estado psicológico o sujeito é inconscientemente o artífice principal da própria experiência: a sedução não é obra do outro por quem a pessoa se sente fascinada na realidade, mas, ao contrario, é uma ilusão criada pela própria imaginação; uma duplicação, um reflexo que parece vir ao nosso encontro do exterior, saindo fora do “vazio deixado pelo sentido. (CAROTENUTO, 1994, p.73).

O estado psicológico que esta promove nos permite entrar em contato com aspectos de nossa personalidade antes desconhecidos.

A sedução, entretanto, desempenha papel fundamental, tanto transformador quanto cognoscitivo. Essa dimensão nos estimula a trabalhar sobre a aparência e ao mesmo tempo nos obriga a nos harmonizarmos com a nossa subjetividade cognoscitiva. (CAROTENUTO, 1994, P.67-68).

A sedução nos impede de ver a pessoa como é na realidade. Devemos então viver esta experiência a fundo, pois assim podemos nos apropriar da realidade e da verdade. Se não vivermos este estado, permaneceremos em uma dimensão infantil que pode impedir um conhecimento profundo de nós mesmos.

Já a relação se dá entre duas individualidades que se reconhecem como tais. Somente com a consciência de si mesmo, quando há diferenciação com o outro, que o relacionamento pode existir.

Na relação, aceitamos o outro na sua realidade. Entende-se que o outro jamais será completamente meu. Renuncia-se à totalidade, sabendo-se que esta não existe de fato. Experimentamos então na relação, uma contínua separação com o outro.

De acordo com Carotenuto (1994) através da aceitação da realidade o homem aprende a reconhecer a própria solidão. O relacionamento é nortado pela presença e pela ausência do outro, devemos então compreender que o nosso desejo vem da nossa imaginação, desta forma, é possível interiorizar o outro e aceitar a distância.

Deve-se dizer que por mais que a relação parece implicar em um desenvolvimento maduro da personalidade, a sedução também tem grande importância no processo de autoconhecimento.

Para concluir este tópico, recorro às palavras de Carotenuto (1994):

Eu quisera concluir dizendo que as páginas mais belas de Jung, ou também as páginas mais belas de cada pessoa que consegue exprimir a própria criatividade, decorrem sempre de uma experiência de sedução, que coincide com a tomada de consciência do próprio mundo interior. Um doloroso caminho, um caminho que nos impele à loucura, mas ninguém teria dúvida em escolher entre a inocência e a possibilidade de ser encantado por outro. (p.78).

3.3.9 AMOR E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Com base no que foi escrito até agora sobre o amor, viso encerrar este capítulo relacionando seu tema principal com um dos conceitos mais importantes da teoria junguiana: o processo de individuação.

Jung afirmava que sem relações afetivas a individuação não é possível. É plausível sustentar tal pensamento, pois a experiência amorosa possibilita um confronto com o nosso mundo interior. Confronto este que pode se dar através do medo da perda, da angústia, do ciúme, das projeções psíquicas, e que assim constelam nossos conflitos primários.

Entramos em contato com a nossa Sombra, a nossa dimensão mais oculta e que nos causa mais medo. No entanto, se aproveitarmos a oportunidade de vivê-la de forma mais consciente, podemos nos realizar como indivíduos e termos uma existência mais rica e verdadeira.

Carotenuto (1994) acredita que o encontro propicia o retorno a uma subjetividade mais plena. Apesar do começo do relacionamento amoroso ser constituído pela confusão entre as individualidades dos parceiros, quando a união realmente se estabelece cada um volta a si com sua subjetividade transformada. Passamos então a nos conhecer, a nos reencontrar.

Portanto, quando nos abrimos para o amor, não estamos somente nos expondo ao outro, mas sim a nós mesmos, ao nosso próprio encontro. Podemos dizer que o crescimento humano não depende unicamente de um desenvolvimento intelectual e sim de vivências amorosas.

O amor é, sim, uma confusão, uma desordem, é perturbação, irritabilidade, mas só do caos nasce uma nova existência. (CAROTENUTO, 1994, p. 43).

Deve ser enfatizado que a experiência amorosa é um dos aspectos psicológicos mais interessantes para ser explorado durante o trabalho analítico, já que o paciente se encontra vivendo um processo dinâmico que impõe a ele novas formas de lidar com a vida.

4. DISCUSSÃO

O subtipo Erotomaniaco diz respeito a um transtorno delirante que tem como tema principal ser amado por outra pessoa. Esta não precisa ser necessariamente conhecida por aquele que sofre deste transtorno e geralmente ocupa uma posição social elevada. Inúmeros são os esforços do Erotomaniaco para alcançar o objeto de seu delírio como cartas, ligações telefônicas, perseguições e etc. Não é raro o conflito com a lei nestas tentativas de aproximação.

A fim de exemplificar um caso Erotomaniaco cito o filme “Bem me quer, Mal me quer” (COLOMBANI, L. A La folie, pas du tout. [Filme-vídeo]. Direção de Laetitia Colombani. França. 2001. 1 cassete VHS/NTSC, 1h 32 min. color.son.).

O filme se passa na França e conta a história de Angelique. Uma jovem mulher que se mostra extremamente apaixonada por Loic Garrec, um famoso cardiologista. O filme é dividido em duas partes. Na primeira, a história é contada através da visão que Angelique tem da realidade: a de que ela vive um grande romance com Loic. Ele é casado e pretende deixar sua mulher por Angelique, no entanto a esposa engravidou propositalmente para “prendê-lo”. Angelique vive declarando seu amor por ele das mais variadas formas, através de cartas, flores, painéis de pintura que ela mesma faz e etc.

No decorrer desta primeira parte, vemos que ela vai ficando frustrada com a ausência de Loic em diversos encontros e com a demora dele em deixar sua esposa. Depois de diversas tentativas de se aproximar do seu amor, Angelique tenta se suicidar. A história passa então a ser contada como de fato é e tem início a segunda parte do filme.

Nesta segunda parte, vemos que Loic começa a receber diversos presentes anônimos e fica assustado. Se sente perseguido, mas não sabe por quem. Este anônimo está conseguindo acabar com seu casamento. Descobre-se ao longo do filme que Angelique cometeu diversos atos criminais para arruinar a união de Loic e sua esposa. A protagonista é então internada e diagnosticada como Erotomaniaca.

No fim do filme, a jovem conversa com o psiquiatra da instituição e fala para ele que: “todo mundo sonha em viver um grande amor, eu apenas sonho mais forte do que os outros”. Angélique acaba recebendo alta. A última cena da obra mostra um faxineiro indo arrumar o quarto em que ela ficou hospedada durante a sua internação. Quando o homem afasta o armário para limpá-lo, vê que atrás deste está uma colagem em forma de homem, com todas as pílulas que Angélique deveria ter tomado durante o tratamento.

O filme se encerra dando a entender que a jovem não se curou de seu delírio amoroso e mostra a seguinte citação relatada por uma Erotomaníaca que ficou internada por mais de cinquenta anos:

Embora meu amor seja insano, Minha razão alivia a dor intensa do meu coração. Dizendo-lhe para ter paciência e não perder a esperança. (COLOMBANI, LAETITIA. *À la Folie... Pas du Tout*. [Filme-vídeo]. Direção de Laetitia Colombani. França, 2002. 1 cassete VHS ; 92 min. color.son).

É necessário ressaltar que, de início, a protagonista mostra-se com uma personalidade cativante, alegre e espontânea. No entanto, no decorrer do filme é possível perceber que quando se trata de alcançar seus objetivos é extremamente teimosa e manipuladora, deixando de lado aqueles que mais se importam com ela. Consegue convencer até mesmo o médico do hospital psiquiátrico de que está curada. O quadro de Angélique parece ser de difícil compreensão já que por mais que ela consegue dar a impressão, através de seu discurso, de estar sã, suas atitudes beiram a loucura.

De acordo com alguns dos autores citados no livro *Erotomania* de Manoel Tosta Berlinck e German E. Berrios, o caso da jovem Angélique tem muitas das características apresentadas pelo sujeito Erotomaníaco.

Angélique tem a crença de ser amada por alguém que ocupa uma posição social elevada à sua (trabalha como garçonne e babá e Loic Garrec é um cardiologista bem sucedido). Têm idéias amorosas fixas e dominantes quanto ao doutor.

A jovem vive em um estado de contemplação por Loic que a faz abandonar suas ocupações profissionais e amigos. Ela se torna então uma perseguidora do objeto amado e transgredir a lei a fim de se aproximar deste. Por fim, o seu caso não apresenta cura.

Com base no que foi visto nos capítulos anteriores, a situação de enamoramento pode causar uma dilaceração no indivíduo, pois não consiste somente de emoções positivas e sim de diversas emoções que promovem um desequilíbrio emocional.

É necessário enfatizar que não é preciso existir uma relação ou um conhecimento do outro para se envolver amorosamente, o amor pode se dar pelo que a imagem do outro provoca em nós.

Quando se fala de amor, se fala da angústia que emerge do medo de perda deste objeto amoroso. Juntamente a este receio vem o ciúme e este pode levar a uma “regressão” infantil de querer um amor exclusivo e ilimitado. Este medo da perda pode ser funcional, pois nos faz entrar em contato com nossas dimensões mais ocultas, no entanto, quando exagerado tem chances de dificultar este contato e impossibilitar o desenvolvimento da maturidade no sujeito.

O amor também pode ser caracterizado como um estado de alteração da realidade. A forma que o indivíduo funciona psicologicamente se transforma nesta experiência. Os níveis de vigilância da consciência abaixam e cedem espaço para a manifestação de emoções e de partes da personalidade que foram rejeitadas pelo ego, a sombra.

A visão alterada da realidade também pode vir acompanhada de uma supervalorização do outro, que pode tornar o enamorado em um obsessivo. A presença do outro passa a trazer uma sensação de plenitude, o bem estar passa a depender desta presença. Se este estado de alteração for reforçado por condições patológicas de um dos parceiros, conflitos podem surgir de forma exacerbada, resultando em tragédias que colocam em risco não só a vida do próprio indivíduo como a de seus próximos.

O sujeito Erotomaniaco parece viver, a todo o momento, um desequilíbrio emocional que a situação de enamoramento proporciona. A imagem do outro pode não só despertar o interesse de um envolvimento amoroso, como também a construção de uma história de amor que o Erotomaniaco vive em seu cotidiano.

A angústia que decorre do medo de perder o objeto de amor parece ser sentida a todo o momento. O objetivo deste delírio é ter com exclusividade aquele que se ama. Todos ao redor do Erotomaniaco são vistos como ameaças em seu caminho para obter este objeto. É possível elucidar este medo da perda, que resulta em um mundo externo ameaçador, com o caso de Angélique. No filme, a jovem sente que a gravidez da esposa de Loic pode afastá-lo dela, então decide atropelar com uma moto a gestante a fim de fazê-la perder o bebê.

O medo da perda para este sujeito não é funcional, pois impede o contato dele consigo mesmo, já que o Erotomaniaco não recolhe do mundo exterior o que é seu. O nível de vigilância de sua consciência é enfraquecido e possibilita grande liberdade para a manifestação de seus conteúdos pessoais mais sombrios.

O amor leva o ser humano a um estado de exaltação. O Erotomaniaco vive neste estado de exaltação de forma ininterrupta. Enxerga a realidade sempre de forma distorcida e sente-se constantemente desequilibrado por tantas emoções positivas e negativas que o povoam. Para este sujeito, a experiência amorosa não é uma opção, é uma imposição. No filme, Angélique vê o mundo externo através de seus conflitos. Ela acredita que vive com Loic uma grande história de amor e que este está insatisfeito com seu casamento, quando na verdade, Loic é extremamente apaixonado por sua esposa e Angélique nunca trocou mais de algumas palavras com ele.

O outro para o Erotomaniaco não é sujeito, é objeto. A patologia em questão faz com que o indivíduo não consiga se relacionar, pois este não consegue respeitar o espaço que o outro ocupa. O relacionamento amoroso faz parte do delírio, pois acontece somente dentro do Erotomaniaco.

Somando todas estas características do amor abordadas até agora juntamente com essa condição patológica, é possível afirmar que o sujeito Erotomaniaco não passa pelo processo de individuação? Será esta doença a melhor expressão de si mesmo que ele consegue atingir?

Acredito que o ego do Erotomaniaco é fraco, pois cede irresistivelmente às reações emocionais do individuo. A sombra parece ser incontrolável ao ego, já que é sempre projetada. Por este ego não se confrontar com o que é externo a ele e ver tudo o que está ao seu redor como ameaçador, pode encontrar grandes dificuldades para se desenvolver.

Ao invés do Erotomaniaco utilizar da energia psíquica para se adaptar ao mundo, direciona esta para seu inconsciente. A persona, neste caso, pode não ser funcional já que não está auxiliando o sujeito a se acomodar ao exterior. No entanto, está pode ter sido a melhor maneira que este indivíduo encontrou de se adaptar a sociedade.

Não é possível afirmar com absoluta certeza se o sujeito Erotomaniaco passa ou não pelo processo de individuação. A meu ver, este encontra grandes obstáculos para experienciar sua integridade já que projeta seus conflitos no mundo externo e não os “apanha” de volta. Ao lançar estes conteúdos sombrios para fora de si, o Erotomaniaco não entre em contato com eles e deixa de conhecer aspectos de si mesmo, que fazem parte de sua totalidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso visou aproximar-se do sujeito Erotomaniaco através da visão que a psicologia analítica tem do amor com a finalidade de verificar se o quadro patológico seria um obstáculo ao processo de individuação.

Com o estudo teórico realizado e a análise do filme, pode-se inferir que devido à patologia, o Erotomaniaco encontra dificuldades para se individuar. Parte da tarefa da individuação é a integração consciente/inconsciente que consiste em recolher para si o que é projetado no mundo, e assim, confrontar-se com aspectos desconhecidos, mas que fazem parte do indivíduo. Após relacionar o caso de Angélique - apresentado pelo filme - com algumas características do Erotomaniaco, juntamente a uma visão teórica sobre o amor, foi possível perceber que o sujeito com a patologia em questão vê o mundo através de seus próprios conflitos e, portanto, não consegue discriminar o que é real e o que não é.

Acredito que o estudo mais aprofundado sobre o Erotomaniaco é de grande importância já que inúmeros pacientes que frequentam clínicas psicológicas trazem como queixa o amor e a sua vivência. Diagnosticar esta patologia parece ser uma tarefa árdua. Como saber se o discurso que o paciente traz sobre um relacionamento amoroso não faz parte de um delírio?

O tema do presente trabalho é de ampla relevância acadêmica para a área de Psicologia. Para responder satisfatoriamente a questão proposta, seria necessário o contato direto com o Erotomaniaco para se ter uma melhor compreensão do sentido desta patologia na vida do indivíduo. Sugiro novos desdobramentos de pesquisa que busquem se aprofundar no conhecimento do quadro afim de que se possa apreender melhor este fenômeno e as possíveis consequências que traz para o sujeito Erotomaniaco e para os que estão a sua volta.

REFERÊNCIAS

COLOMBANI, LAETITIA. **À la Folie... Pas du Tout**. (Filme-vídeo). Direção de Laetitia Colombani. França,2002. 1 cassete VHS ; 92 min. color.son.

DIAGNOSTIC AND STATISTICAL MANUAL OF MENTAL DISORDERS. Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm.php?busca=erotomania>. Acesso em outubro de 2011.

SARTORI, Ana Paula Correa. **Erotomania: Amor e Sexuação**.Tese de Doutorado em teoria psicanalítica. Universidade Federal do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro,2009

BERLINCK, Manoel Tosta.; BERRIOS, German E. **Erotomania** .São Paulo: Escuta,2009.

SCHIESS, Marianne. **Sobre o Amor/ C.G. Jung**. São Paulo: Idéias & Letras,2005.

STEIN, Murray. **Jung: O Mapa da Alma**. São Paulo: Editora Cultrix,2000.

CAROTENUTO, Aldo. **Eros e pathos: amor e sofrimento**. São Paulo: Paulus,1994.